

Dólar estoura dívida pública

BRASÍLIA - A valorização do dólar em relação ao real fez a dívida pública disparar, em junho, chegando a R\$ 580,8 bilhões – um salto de cerca de R\$ 68 bilhões em relação ao mês anterior. As quatro altas dos juros no ano e o socorro financeiro aos bancos federais também contribuíram para essa salgada conta. Mas a disparada da cotação da moeda americana pesou muito mais. Para se ter idéia, a parte da dívida que é corrigida pelo dólar cresceu R\$ 42 bilhões no primeiro semestre, e passou a representar 26,8% do total.

Do total correspondente à variação cambial, cerca de R\$ 22 bilhões embutem especificamente os 16% de alta que o dólar registrou entre 31 de dezembro – quando a moeda americana valia R\$ 1,98 –, e final de junho, quando o dólar chegou a R\$ 2,30. Ou-

tros R\$ 18 bilhões resultaram da decisão do governo em ampliar a oferta de títulos públicos com correção pelo dólar, para atender à intensa procura por proteção da variação cambial. A diferença restante, R\$ 2 bilhões, se deve aos juros acumulados desses novos lançamentos.

Para se ter uma idéia do tamanho do problema enfrentado pelo Governo, basta lembrar que nos seis meses anteriores, o estoque da dívida havia crescido apenas R\$ 5 bilhões. O dólar foi um dos grandes vilões responsáveis por essa alta expressiva, lembrando o período que a dívida pública crescia a taxas exponenciais.

A disparada do dólar, no entanto, não foi a única fonte de frustração para o Tesouro. O mercado passou também a relutar em aceitar papéis do governo com taxa de juros prefixadas, receoso de possíveis altas nos ju-

ros. Com isso, a participação desse tipo de título teve movimento inverso à dívida cambial. Caiu de 14,44% em janeiro para 10,83% em junho.

Só em junho, o estoque da dívida aumentou R\$ 26,2 bilhões. O principal fator responsável foi a intrincada engenharia financeira para socorrer a Caixa Econômica, os bancos do Brasil, da Amazônia e do Nordeste, que gerou um impacto de R\$ 18,4 bilhões no estoque da dívida pública interna.

Vale ressaltar que o movimento dos bancos nacionais no mercado de títulos também influenciou. Normalmente essas instituições financeiras adquirem 30% dos títulos cambiais oferecidos pelo governo. Por conta da instabilidade dos mercados e busca por proteção, em julho houve muita procura, e acabaram comprando compraram 48,5%.